



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

**Daniel Furtado Marques Pinho**

**A resistência indígena de Túpac Amaru II: análise de uma narrativa  
didática digital publicada no site Ensinar História**

**BRASÍLIA/DF**

**2025**

**DANIEL FURTADO MARQUES PINHO**

**A resistência indígena de Túpac Amaru II: análise de uma narrativa  
didática digital publicada no site Ensinar História**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Departamento de História do Instituto de Ciências  
Humanas da Universidade de Brasília como requisito  
para a obtenção do grau de licenciatura em História.

Orientadora: Prof. Dr<sup>a</sup> Susane Rodrigues de Oliveira

**BRASÍLIA/DF**  
**2025**

## **A resistência indígena de Túpac Amaru II: análise de uma narrativa didática digital publicada no site Ensinar História**

**RESUMO:** Este artigo analisa uma narrativa didática digital publicada no site Ensinar História, dedicada à rebelião indígena liderada por Túpac Amaru II no Vice-Reinado do Peru (1780–1781). O estudo investiga as finalidades educativas, elementos narrativos, representações históricas e recursos multimídia empregados no texto, avaliando seu potencial para o ensino de História na Educação Básica. A análise considera o contexto de produção do site, sua articulação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a maneira como a narrativa enfatiza o protagonismo indígena na luta contra a exploração colonial, atendendo as demandas indígenas colocadas pela Lei 11.645/08 para no ensino de História nas escolas brasileiras. Argumenta-se que, embora o material didático valorize a resistência indígena e dialogue com abordagens historiográficas recentes, sua pouca articulação com o tempo presente pode limitar reflexões sobre a continuidade das lutas dos povos originários. Defende-se, assim, a importância de uma leitura crítica e mediada desse tipo de recurso didático em sala de aula.

**PALAVRAS-CHAVE:** Túpac Amaru II; narrativa didática; ensino de História; resistência indígena; BNCC.

### **INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objeto de estudo uma narrativa didática veiculada no site Ensinar História acerca do movimento indígena liderado por Túpac Amaru II no Peru, entre os anos de 1780 e 1781<sup>1</sup>. Com o objetivo de compreender as finalidades educativas desta narrativa histórica em formato digital, voltada para o público escolar, buscamos identificar e analisar suas condições de produção, elementos, enredos, objetivos, saberes de referência, valores, imagens e formas de representação e interpretação dos personagens e acontecimentos históricos relacionados à rebelião de Tupac Amaru.

---

<sup>1</sup> DOMINGUES, Joelza Ester. Ensinar História. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/>. Acesso em: 16 jul. 2025.

O site Ensinar História, mantido pela professora Joelza Ester Domingues, configura-se como um site de divulgação didática voltado ao ensino da História na Educação Básica. Com uma abordagem acessível e fundamentada teoricamente, o espaço reúne conteúdos autorais que incluem textos explicativos, propostas pedagógicas, sugestões de filmes, análises documentais, reflexões historiográficas e atividades voltadas para o cotidiano escolar. O site fornece recursos complementares para estudantes e interessados na área, articulando o saber acadêmico à prática pedagógica e às diretrizes curriculares como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O site está disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/> e atualmente conta 7.726.199 visitas, sendo acessado principalmente em países como Brasil, Portugal, EUA, Angola, Moçambique e França<sup>2</sup>.

As narrativas presentes no site Ensinar História estão disponíveis em formato digital, enquanto construções textuais que utilizam recursos tecnológicos para comunicar histórias, podendo incluir variados elementos multimídia e interativos. Trata-se de narrativas disponíveis, portanto, em ambiente virtual, estruturados de forma hipertextual e que articulam múltiplas linguagens — como textos explicativos, imagens históricas, infográficos, vídeos e links para materiais complementares. Além disso, apresentam uma intencionalidade pedagógica evidente, voltada ao ensino de História na Educação Básica, com autoria identificada e curadoria especializada. O site, ativo desde 2015 e também se caracteriza por atualização contínua, o que reforça seu papel como espaço de produção digital voltado à formação de professores e estudantes.

Como bem analisou Susane de Oliveira (2016, p. 427-428), no contexto escolar atual, cresce a utilização de materiais didáticos alternativos, sobretudo aqueles advindos das Tecnologias de Informação e Comunicação, o que tem reduzido o papel central do livro didático no processo de ensino e aprendizagem. A internet, em particular, tem se consolidado como um recurso importante de apoio educacional. O avanço acelerado no uso de tecnologias como computador, celular, notebook, tablet e internet ampliou significativamente o acesso à internet, exigindo dos docentes um planejamento cuidadoso ao incorporar as mídias digitais da web às práticas pedagógicas. É nesse cenário que surgem os sites, blogs, plataformas e portais educacionais online, com propostas inovadoras e conteúdos voltados tanto para o trabalho dos professores quanto para a pesquisa dos estudantes da Educação Básica. Esses espaços virtuais contribuem na produção e disseminação de conhecimentos escolares, captando cada vez mais o interesse de educadores e alunos, já que vistos como alternativas

---

<sup>2</sup> Estes números foram identificados no site em 17/07/2025.

inovadoras ao ensino e aprendizagem. Ainda de acordo com a autora, nesse cenário, a internet se afirma como um novo espaço educativo relevante na atualidade, exigindo um olhar atento às suas implicações e potencialidades na educação escolar contemporânea (OLIVEIRA, 2016, p. 428).

Como alternativa aos livros didáticos escolares, os sites de divulgação de materiais didáticos digitais vêm se tornando grandes difusores de conhecimento escolar, especialmente pela facilidade de acesso rápido e gratuito na internet. Porém, ainda são raros os estudos sobre as condições de produção e circulação destes materiais disponibilizados online. No campo do ensino de História, as narrativas didáticas digitais oferecidas na internet ainda carecem de maior atenção por parte de professores e pesquisadores do campo. Os livros didáticos de História passam por muitas críticas e avaliações, inclusive por rígidos critérios de produção estabelecidos pelo PNLD, enquanto os materiais didáticos digitais são pouco ou raramente analisados ou problematizados nas pesquisas voltadas para o ensino de História (OLIVEIRA, 2016, p. 428).

A rebelião de Túpac Amaru II tem grande importância para os peruanos por representar um marco da resistência indígena e da luta contra a dominação colonial espanhola. Liderada por José Gabriel Condorcanqui, que assumiu o nome de Túpac Amaru em homenagem ao último governante Inca, a revolta denunciava os abusos cometidos contra os povos indígenas, como o trabalho forçado, os altos tributos e os maus-tratos. Embora tenha sido derrotado e executado de forma brutal, Túpac Amaru tornou-se símbolo da luta por justiça social, liberdade e dignidade dos povos andinos. Sua figura é reverenciada como um herói nacional e precursor da independência do Peru, inspirando movimentos sociais, indígenas e políticos ao longo da história. Seu legado permanece vivo na memória coletiva peruana, sendo constantemente relembrado em nomes de escolas, praças, organizações e manifestações culturais, artísticas e políticas (ESPINOZA, 2023, p. 22). Sua legitimação como figura histórica ocorreu no século XX, sendo oficializado como herói nacional peruano em 1980 pela legislação do país (LASSÚS, 2014, p. 56-57). Mais que herói, ele encarna uma proposta de identidade nacional conectada com as populações andinas e serranas do país (LASSÚS, 2014, p. 13).

Diante da importância histórica de Túpac Amaru II para o Peru e outros países da América Latina, buscamos investigar como a história dessa rebelião é ensinada no Brasil, particularmente, por meio de uma narrativa didática digital disponível no site Ensinar

História e que teve até o presente momento 19.654 acessos e 320 compartilhamentos, o que demonstra seu alcance e importância na web<sup>3</sup>.

No Brasil, são raros os estudos e trabalhos acadêmicos sobre a importância da rebelião de Túpac Amaru II no ensino de História. Diante disso torna-se difícil mensurar sua relevância ou formas de abordagem no contexto nacional. Assim, ao analisar essa narrativa, buscamos compreender também como essa temática é abordada e interpretada em um espaço educativo virtual, para além do livro didático, atentando, especialmente, para o papel formativo da memória dessa rebelião indígena, bem como para as finalidades educativas e curriculares de seus conteúdos para o público escolar brasileiro.

Compreendemos as narrativas didáticas de História como formas de representação do passado, elaboradas a partir de certas finalidades, demandas, valores e interesses pedagógicos. Apesar de recorrer a elementos e estratégias semelhantes aos das narrativas historiográficas acadêmicas na construção de sentido e legitimidade (CAVALCANTI, 2020), a narrativa didática tem como objetivo principal representar o passado com fins pedagógicos, atuando como instrumento de ensino e aprendizagem. Diferentemente do conhecimento historiográfico acadêmico, a história escolar é produzida com uma finalidade pedagógica e por isso mesmo tem uma epistemologia própria (MONTEIRO, 2007). A sua construção envolve não só a didatização de saberes acadêmicos/historiográficos, mas também escolhas axiológicas, demandas curriculares e diálogo com as práticas sociais de referência. Por isso é uma fonte complexa que carece de certo cuidado metodológico na sua análise e avaliação.

A narrativa analisada tem como título “Túpac Amaru, líder da maior revolta indígena da América”, e foi publicadas em 3 de abril de 2015 no site Ensinar História idealizado e administrado pela historiadora Joelza Ester Domingues Rodrigues (mestre em História Social pela PUC-SP) que tem experiência como docente na educação básica e como participante da implementação da BNCC enquanto professora formadora<sup>4</sup>. Ela aparece como responsável pelo conteúdo na seção “Sobre mim” do próprio site<sup>5</sup>, onde compartilha sua trajetória como professora e autora. Além disso, o canal do YouTube vinculado ao site também leva seu nome<sup>6</sup>, reforçando que ela é a mente por trás das publicações. Trata-se de um site que tem, portanto, como referência não só a historiografia e os currículos oficiais, mas também a experiência da autora como professora de História na Educação Básica.

<sup>3</sup> Números identificados em 17/07/2025 em

<https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>.

<sup>4</sup> Joelza Ester Domingues Rodrigues. Escavador, 2025. Disponível em:

<https://www.escavador.com/sobre/841415377/joelza-ester-domingues-rodrigues>. Acesso em 12 de jun. 2025

<sup>5</sup> Cf. <https://ensinarhistoria.com.br/joelza/>.

<sup>6</sup> Cf. <https://www.youtube.com/@ensinarhistoria-joelzaeste5675>.

O site Ensinar História configura-se como uma ferramenta pedagógica voltada para professores e estudantes de História. Desde a sua criação em 2015, o portal desenvolveu-se a partir de pesquisas com usuários, oferecendo conteúdos baseados em bibliografia especializada, porém com linguagem acessível e conteúdos que ultrapassam os limites do currículo escolar. Seu público principal (IMAGEM 1) consiste em 59% de profissionais da área, sendo 42% professores, e 17% de estudantes, com predominância de buscas por temas de História do Brasil (43%), culturas não-europeias (37%) e História da Europa (20%).

IMAGEM 1



Fonte: DOMINGUES, 2015. Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/>

Os usuários professores utilizam principalmente materiais sobre metodologia para o ensino de História e documentos históricos a serem tratados nas aulas<sup>7</sup>. O site se mantém através de doações de apoiadores que têm o direito a acessar recursos didáticos elaborados pela equipe do portal<sup>8</sup>.

Estruturalmente, o Ensinar História organiza seus artigos com rigor metodológico, apresentando em cada postagem as habilidades da BNCC relacionadas, métricas de acesso e ferramentas de acessibilidade. Disponibiliza ainda amplo acervo de recursos pedagógicos complementares gratuitos – incluindo infográficos, quizzes, jogos educativos e questões de vestibular – além de vocabulário e referências bibliográficas ao final de cada texto (IMAGEM 2). O site destaca-se pela integração entre artigos baseados em textos historiográficos e aplicabilidade pedagógica, oferecendo desde materiais lúdicos até sugestões para abordagem de temas complexos, configurando-se como um repositório que articula a história acadêmica e a prática docente.

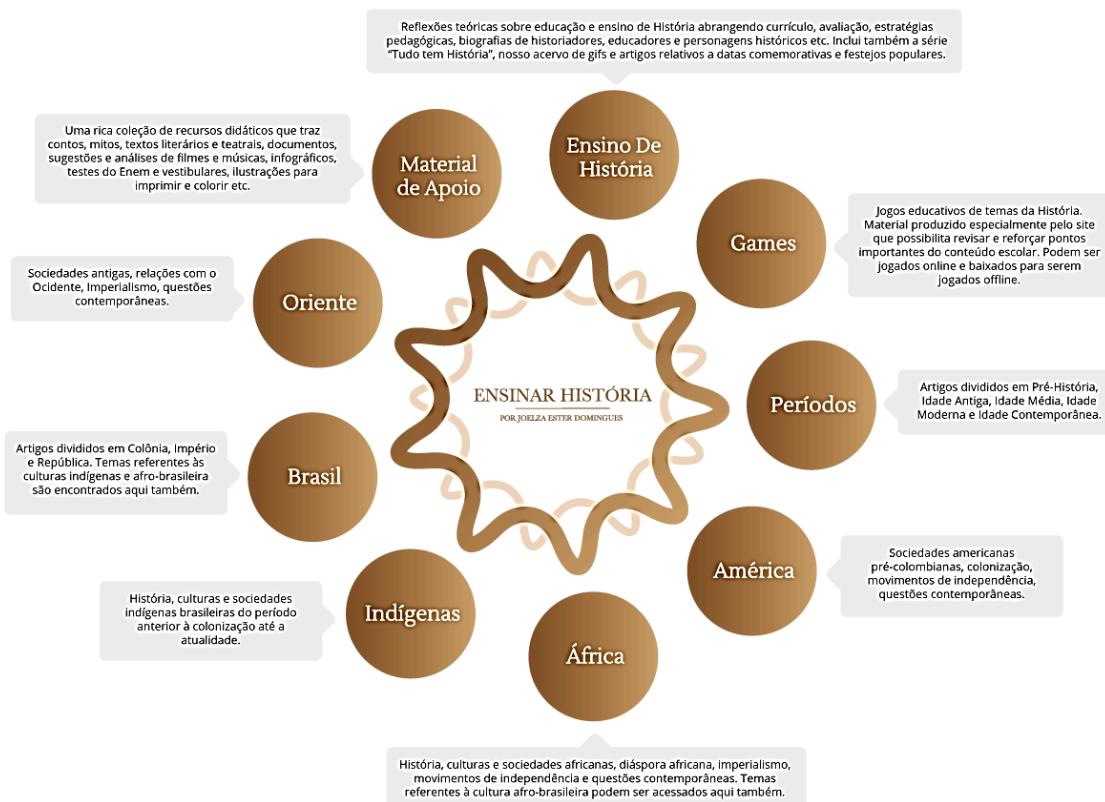
Na seção intitulada “Sobre o Blog” apresenta-se o seguinte:

<sup>7</sup> Sobre o Blog. Ensinar História. [s.d.]. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/>>. Acesso em: 12 de jun. 2025.

<sup>8</sup> Ensinar História. Apoia-se. [s.d.]. Disponível em: <<https://apoia.se/ensinar-historia>>. Acesso em 28 de jun. 2025.

Este site contempla tudo o que diz respeito ao ensino de História e destina-se a professores de História, estudantes, diletantes e curiosos. Seus artigos não têm a pretensão de serem teses ou textos acadêmicos, mas foram escritos apoiados em uma bibliográfica referenciada por especialistas e em pesquisas historiográficas recentes. Os conteúdos priorizam os temas pertinentes à prática pedagógica do ensino de História que contribuam para o trabalho do professor e para a pesquisa do aluno. Dessa forma, o site abrange um variado espectro temático que transita entre temas recorrentes no currículo escolar a outros pouco mencionados em sala de aula, de política pública educacional a sugestões metodológicas, de pesquisas historiográficas recentes a atividades lúdicas para aplicar aos alunos. Para facilitar a busca no site, os artigos estão organizados nos seguintes itens (acessados no menu do blog):

## IMAGEM 2



Fonte: DOMINGUES, 2015. Disponível em <https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/>

A seguir, apresentamos uma análise da narrativa didática selecionada. A metodologia adotada nessa análise baseou-se na identificação e interpretação de seus elementos constitutivos – autoria, objetivos, enredo, imagens, saberes de referência, bem como representações de personagens e acontecimentos históricos – em diálogo com a bibliografia especializada sobre o ensino de História. Essa abordagem considerou também as diretrizes

estabelecidas na BNCC para a disciplina, assim como as demandas específicas relativas ao ensino da História indígena no Brasil.

## CONTEXTUALIZAÇÃO, DESCRIÇÃO E ANÁLISE DA NARRATIVA DIDÁTICA

A narrativa didática intitulada "Túpac Amaru, líder da maior revolta indígena da América" foi publicada no dia 3 de abril de 2015 no portal Ensinar História. Acima do título da narrativa, há links para temas como Idade Moderna, Brasil Império e Materiais de História (IMAGEM 3). Ao lado dos primeiros parágrafos, aparece o número de visitas na página da narrativa e de compartilhamentos, além de opções para divulgar o conteúdo em redes sociais e imprimir a publicação.

IMAGEM 3

19,654 VISITAS

320 COMPARTILHAMENTOS

f in p g v

Túpac Amaru, líder da maior revolta indígena da América

ENSINAR HISTÓRIA

COMPARTILHE

Imprima este artigo

Acessibilidade

BNCC EF07HI09 EF08HI07 EF08HI08

O Peru foi palco de repetidas revoltas indígenas durante todo o século XVIII, culminando em 1780, na maior de todas, liderada por Túpac Amaru, um descendente real inca.

Nascido no Peru, em 1740, com o nome de José Gabriel Condorcanqui em uma família de descendência real inca, ele herdou terras, gado e uma tropa de mulas que usava no transporte de mercadorias. Em 1780, Condorcanqui tomou o nome do último imperador inca, Túpac Amaru, e iniciou um movimento, inicialmente pacífico, em favor de reformas que melhorassem a vida e o trabalho dos nativos.

A população do Vice-reinado do Peru era, então, composta por

19,654 VISITAS ATÉ O MOMENTO

7.727.199

BRASIL 7.251.773 PORTUGAL 177.437

ESTADOS UNIDOS 117.032 ANGOLA 22.994

Estamos também no Telegram, siga nosso grupo.

ACESSE

Fonte: DOMINGUES, 2015. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>

No topo da página, mencionam-se as habilidades da BNCC contempladas na narrativa, indicando a sua aplicação para o 8º ano do Ensino Fundamental: EF07HI09 “Analizar os diferentes impactos da conquista europeia da América para as populações ameríndias e identificar as formas de resistência”; EF08HI07 “Identificar e contextualizar as especificidades dos diversos processos de independência nas Américas, seus aspectos

populacionais e suas conformações territoriais”; e EF08HI08 “Conhecer o ideário do líder dos movimentos independentistas e seu papel nas revoluções que levaram às independências das colônias hispano-americanas”.

Na lateral direita, observa-se uma ilustração da execução de Túpac Amaru II, também utilizada como capa da publicação. Junto à imagem há também um recurso que permite ampliá-la. Em seguida, ainda na lateral direita, destaca-se um campo para cadastrar e-mail e receber atualizações do site. Na parte inferior da página, são exibidas estatísticas de acesso global (com destaque para os países de maior visitação), imagens com links para doações, a “frase da semana”, recomendações de artigos populares e recentes, além de recursos interativos como desenhos de máscaras africanas para colorir e um jogo sobre folclore brasileiro. Ao final da narrativa há dois vídeos curtos e um espaço intitulado Vocabulário, além de uma “Fonte” como referência bibliográfica. No fim da página, há links para seguir o blog nas redes sociais e um novo apelo para contribuições financeiras ao site. Embora a página de exibição da narrativa não mencione explicitamente a autoria da narrativa, outras páginas do site deixam claro a responsabilidade da professora Joelza Domingues sobre seus conteúdos. O site informa que qualquer pessoa pode contribuir com publicações, desde que o material seja enviado ao administrador para a avaliação e, se aprovado, seja divulgado no blog. Infere-se que as narrativas são criadas pela própria idealizadora e proprietária do blog, Joelza Ester Domingues Rodrigues, e que mesmo os textos de outros autores dependem de seu escrutínio para publicação<sup>9</sup>. Importante ressaltar que ela é historiadora e possui experiência em docência na educação básica<sup>10</sup>.

A narrativa é iniciada da seguinte forma:

O Peru foi palco de repetidas revoltas indígenas durante todo o século XVIII, culminando em 1780, na maior de todas, liderada por Túpac Amaru, um descendente real inca.

Nascido no Peru, em 1740, com o nome de José Gabriel Condorcanqui em uma família de descendência real inca, ele herdou terras, gado e uma tropa de mulas que usava no transporte de mercadorias. Em 1780, Condorcanqui tomou o nome do último imperador inca, Túpac Amaru, e iniciou um movimento, inicialmente pacífico, em favor de reformas que melhorassem a vida e o trabalho dos nativos.

A população do Vice-reinado do Peru era, então, composta por 58% de indígenas, 20% de mestiços e escravos e 12% de brancos (espanhóis e descendentes de espanhóis). Essa minoria controlava a vida econômica e política do país. Os indígenas, a principal mão de obra, eram empregados

<sup>9</sup> Sobre o Blog. Ensinar História. [s.d.]. Disponível em: <<https://ensinarhistoria.com.br/objetivo-do-blog/>>. Acesso em: 13 de jun. 2025

<sup>10</sup> Joelza Ester Domingues Rodrigues. Escavador, 2025. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/841415377/joelza-ester-domingues-rodrigues>>. Acesso em 12 de jun. 2025

nas plantações, nas minas e nas tecelagens onde eram forçados a trabalhar em um regime de exploração conhecido como mita.

Túpac Amaru apresentou uma petição junto ao governo para que os indígenas fossem liberados do trabalho obrigatório das minas. Denunciou os riscos a que estavam submetidos (desmoronamentos e intoxicação de gases), a exploração desumana de mulheres, crianças e anciões forçados a trabalhar sem descanso e gravemente doentes pelo mercúrio usado nas minas. A audiência de Lima, composta na maioria por encomenderos e donos de minas, sequer se dignou a escutar ao pedido do inca (DOMINGUES, 2015).

#### IMAGEM 4



Túpac Amaru (1740-1781), nascido com o nome de...José Gabriel Condorcanqui, em 1780 ele tomou o nome do último imperador inca, Túpac Amaru,

Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>

Há quatro imagens ao longo do texto. A primeira é de um retrato de Túpac Amaru com um colar de ouro que parece representar um sol (IMAGEM 4). Ele tem punhos e lábios cerrados e veste uma roupa azul com um manto marrom por cima. Está com cabelos grandes e soltos e apresenta uma feição séria e rígida. A roupa que ele veste parece ser de um tecido nobre, podendo ressaltar seu papel de líder e principalmente descendente real inca. A imagem é apresentada ao lado da descrição de quem era Tupac Amaru. Ela simboliza liderança e provavelmente heroísmo.

É significativo destacar a tentativa da narrativa em apresentar a exploração à qual os indígenas estavam submetidos, e o início da articulação de um movimento que visava findar esse sistema, inicialmente por vias legais e pacíficas, protagonizado por Túpac Amaru. Os povos indígenas são aqui retratados como vítimas, mas também como sujeitos de luta e

resistência armada tendo como líder Túpac Amaru. Nesse sentido, o título da narrativa indica o foco no protagonismo de Túpac Amaru como "líder indígena da maior revolta indígena da América". De um lado temos os indígenas liderados por Túpac Amaru, as forças insurgentes e, de outro, como antagonistas, os representantes do sistema de exploração espanhol, seus beneficiários, a elite branca de *criollos* e espanhóis e as instituições coloniais, que atuaram para manter o *status quo*, por meio da violência extrema. A recusa da audiência de Lima, instituição colonial, "composta na maioria por encomenderos e donos de mina" (DOMINGUES, 2015) a sequer ouvir o pedido de Túpac Amaru, explica isso. Assim está escrito:

Túpac Amaru partiu, então, para uma ação mais radical e preparou a insurreição. Tendo iniciado perto de Cuzco, em novembro de 1780, o movimento logo se alastrou por grande parte do Peru. Além da própria causa, a rebelião fortaleceu-se pela extensa rede de parentesco de Túpac Amaru e suas ligações com o comércio e o transporte regional – condições que garantiram o recrutamento de milhares de indígenas.

Os rebeldes assaltaram depósitos e armazéns, tomaram armas de fogo e grande quantidade de munição. Crianças e anciãos prepararam armas brancas e flechas envenenadas. Por onde passava, o exército de Túpac Amaru abolia a escravidão, a mita e a cobrança de impostos.

Em 18 de novembro de 1780, em Sangarará, as forças rebeldes entraram em combate contra o exército espanhol e o derrotaram. A vitória encorajou os rebeldes. Cerca de 100 mil indígenas em uma extensão de 1500 km se dispuseram a seguir Túpac Amaru.(DOMINGUES, 2015).

#### IMAGEM 5



Trabalho na mina de Potosí, gravura de Theodor De Bry, 1596.

Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>

Esse trecho do texto é acompanhado de uma gravura de Theodore de Bry de 1596 (IMAGEM 5). Essa imagem representa o trabalho na mina de Potosí, localizada na região andina (Bolívia). Observa-se que os trabalhadores utilizam tochas para iluminar o ambiente, enquanto alguns, despidos, manuseiam ferramentas para quebrar pedras em busca de prata. A cena parece se passar no interior de uma montanha ou rocha profundamente escavada, com uma escada permitindo o acesso ao espaço subterrâneo. O fato de estarem nus, somado à legenda “Trabalho na mina de Potosí”, indica que se trata de indígenas submetidos ao regime de trabalho forçado conhecido como mita, evidenciando seu papel como vítimas da exploração colonial espanhola.

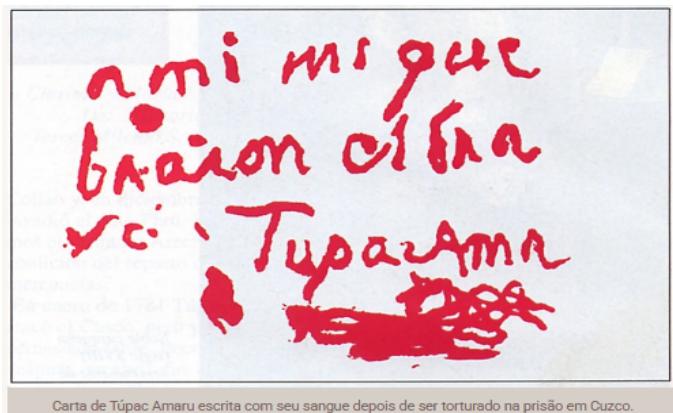
Em seguida a narrativa descreve o que chama de maior de todas as revoltas indígenas do século XVIII, no Peru. Novamente, a tentativa em dar fim à exploração sofrida pelos indígenas de maneira pacífica, com a insurreição sendo iniciada após não haver mais outras saídas, é enfatizada. Túpac Amaru é tratado como o grande protagonista do movimento. O recrutamento de indígenas ao movimento é facilitado devido à sua “extensa rede de parentesco” e “ligações com o comércio e transporte regional” (DOMINGUES, 2015). Após a vitória contra o exército espanhol, “cerca de 100 mil indígenas em uma extensão de 1500 km se dispuseram a seguir Túpac Amaru”, as conquistas desse movimento são creditadas ao “exército de Túpac Amaru” que, por onde passava, “abolia a escravidão, a mita e a cobrança de impostos” (DOMINGUES, 2015). Na sequência, a narrativa descreve:

A gravidade da situação levou os vice-reis de Lima e de Buenos Aires a unirem suas forças formando um exército de 17 mil homens fortemente armados.

Túpac Amaru buscou apoio dos criollos, tentando convencê-los a se unirem ao movimento e lutar contra os espanhóis. Os proprietários nascidos na América, contudo, não tinham interesse em um movimento que libertava a mão de obra que exploravam. As ideias de Túpac Amaru eram revolucionárias defesa de suas propriedades.

O exército dos vice-reis levou adiante demais para eles e, assustados com a dimensão da revolta, os criollos aliaram-se aos espanhóis em uma campanha de terror contra a população nativa saqueando aldeias e assassinando indiscriminadamente todos seus habitantes. O resultado foi a fuga de muitos indígenas e a deserção de grandes fileiras do exército rebelde (DOMINGUES, 2015).

## IMAGEM 6



Carta de Túpac Amaru escrita com seu sangue depois de ser torturado na prisão em Cuzco.

Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>

A imagem seguinte aparenta ser uma fotografia de uma carta escrita por Túpac Amaru durante seu período de prisão (IMAGEM 6). O contraste entre o vermelho vibrante e o fundo branco chama a atenção e confere dramaticidade à composição visual. A imagem evidencia a brutalidade vivenciada pelo líder indígena pouco antes de sua morte, ao mesmo tempo que denuncia a violência perpetrada pelos espanhóis contra aqueles que ousavam se insurgir contra suas práticas de dominação colonial.

A partir disso a narrativa se volta para a violenta reação espanhola à insurreição, direcionada principalmente aos povos indígenas e ao esforço infrutífero de Túpac Amaru em conseguir o apoio dos *criollos*, beneficiários das formas de exploração empregadas contra os povos originários. Os personagens individuais, coletivos e institucionais espanhóis organizam a bem sucedida “campanha de terror contra a população nativa”, levando à “fuga de muitos indígenas e a deserção de grandes fileiras do exército rebelde” (DOMINGUES, 2015). Assim está escrito:

Na noite de 5 de abril de 1781, ocorreu a batalha final, em Checacupe, em que milhares de indígenas foram massacrados. Túpac Amaru foi feito prisioneiro e, durante dias, foi torturado para revelar os nomes de outros chefes rebeldes. Manteve-se calado até o fim.

Em 17 de maio de 1781, Túpac Amaru foi condenado à morte sofrendo uma das execuções mais cruéis da História. Primeiro, obrigaram-no a presenciar a tortura e morte de sua mulher, filhos e amigos. Depois, teve suas pernas e braços amarrados em quatro cavalos para ser esquartejado vivo. Não chegaram, contudo a concluir a execução e decidiram decapitá-lo, cravar a cabeça em uma lança e enviar seus quatro membros às cidades onde ele havia lutado.

A repressão aos rebeldes continuou por mais um ano. Chefes indígenas foram brutalmente executados e seus seguidores perseguidos até a morte. Implantaram-se então algumas reformas institucionais, entre as quais, a

extinção da encomienda – medida que objetivava mais o fortalecimento do domínio espanhol do que o bem-estar dos indígenas (DOMINGUES, 2015).

IMAGEM 7



Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>

A imagem acima retrata a execução de Túpac Amaru, realizada na Praça de Armas, em Cusco (IMAGEM 7). Observa-se um grande número de espectadores, incluindo possíveis apoiadores do movimento indígena. Ao fundo, uma pessoa é agredida e cai, enquanto outra — um homem — está prestes a ser enforcado. O cenário é sombrio: o céu nublado deixa o sol aparecer de forma tênue, e a cadeia de montanhas ao fundo reforça o aspecto dramático da cena. Túpac Amaru encontra-se amarrado a quatro cavalos, com o rosto contorcido em dor e expressão de grito. A imagem evidencia, mais uma vez, a extrema violência empregada pelos espanhóis contra os indígenas e reforça o que a narrativa define como “uma das execuções mais cruéis da História” (DOMINGUES, 2015).

Aqui a narrativa apresenta o último acontecimento histórico: a derrota dos rebeldes na “batalha final, em Checacupe” que levou à captura, tortura e execução de Tupac Amaru e de seus seguidores pelas forças espanholas. É ressaltada a crueldade extrema que tais personagens sofreram, com a morte do líder indígena sendo retratada como “umas das execuções mais cruéis da História”. A narrativa culmina em um desfecho trágico, marcado pela perseguição e morte daqueles que apoiaram o movimento, sobretudo os líderes indígenas, vítimas de execuções brutais, mostrando como as instituições coloniais puniam aqueles que resolviam se revoltar contra o sistema colonial. O resultado final é a morte dos

revoltosos. E assim, a narrativa termina sem tecer qualquer relação com o tempo presente ou com outros acontecimentos que se seguiram no Peru colonial.

A narrativa descreve o movimento liderado por Túpac Amaru II, inicialmente, como pacífico e reformista, porque o movimento começa com uma petição formal ao governo colonial, solicitando o fim do trabalho forçado nas minas – revelando uma tentativa de mudança institucional antes da insurreição. Em seguida o movimento é apresentado como rebelde, enquanto uma insurreição armada e popular, de caráter abolicionista e libertador da mita, dos impostos e da escravidão indígena. Após a recusa das autoridades, o movimento se transformou em uma revolta armada, com ações como assaltos a depósitos, confecção de armas por crianças e idosos, e batalhas contra o exército espanhol. Os indígenas, além de alvo da violência colonial, são retratados na narrativa como agentes da insurreição, como sujeitos mobilizados e engajados enquanto protagonistas de uma luta coletiva e intergeracional diante da opressão colonial.

Túpac Amaru é o único personagem que aparece com nome próprio ao longo do texto, sendo apresentado como principal protagonista de todo o movimento. Com a recusa da Audiência de Lima em atender às suas reivindicações pelo fim dessas práticas, Túpac Amaru partiu para uma ação mais radical, dando início à insurreição. O texto situa essa revolta como parte de um movimento mais amplo no Peru do século XVIII, destacando-a como a maior de todas as revoltas indígenas. São apresentados tanto os avanços alcançados no decorrer do movimento – como a abolição da escravidão, da mita e da cobrança de impostos em certos territórios libertados – quanto os reveses sofridos, especialmente a violenta campanha de repressão movida pelo exército colonial e pela elite branca (criollos e espanhóis), – minoria que controlava a vida política e econômica do país – que se uniu para esmagar o movimento.

A derrota dos indígenas aparece marcada por extrema crueldade: Túpac Amaru II foi obrigado a assistir à tortura e à execução de sua família e aliados antes de ser brutalmente executado. A repressão continuou mesmo após sua morte, com a perseguição e o extermínio sistemático dos líderes indígenas que apoiaram a rebelião. Um dos resultados da rebelião foi a extinção da encomenda, que aconteceu, porém, como forma de fortalecer o domínio espanhol, mais do que visando o bem-estar dos indígenas (DOMINGUES, 2015). Nessa perspectiva, observa-se que, diferentemente dos manuais didáticos brasileiros analisados por Prado, a narrativa didática não incorpora a tendência muito difundida de que esta rebelião foi precursora direta dos movimentos de independência hispano-americana. Embora Túpac Amaru II seja exaltado como líder anticolonial e símbolo de resistência indígena, o autor

observa que os manuais didáticos muitas vezes atribuem ao movimento intenções de independência nacional que não estão historicamente comprovadas.

Ainda de acordo com Prado (2010, p. 122), uma corrente recente da historiografia tem se dedicado a revisar, de forma crítica e histórica, o papel de Túpac Amaru como liderança anterior aos movimentos de independência nas Américas, especialmente no antigo Vice-Reinado do Peru, indicando que seus ideais iniciais não parecem ter sido voltados diretamente para a independência. Assim, ele explica que na historiografia latino-americana – com destaque para a peruana – há uma divisão de interpretações sobre os reais objetivos daquela revolta: uma vertente acredita que havia uma intenção precoce de independência, enquanto outra questiona essa visão. A carência de documentação suficiente que comprove qualquer das perspectivas dificulta a adoção de uma posição definitiva. No entanto, ambas concordam que a principal meta do levante era abolir os sistemas de trabalho forçado, como as encomiendas e mitas, combater a opressão da elite crioula local e resgatar o poder espiritual inca entre os indígenas da região (PRADO, 2010, p. 122). É nessa direção que a narrativa didática aponta. No entanto, estas diferentes versões podem também ser abordadas em sala de aula, tendo em vista o reconhecimento das diferentes formas de interpretação daquele passado.

Em relação às imagens de Túpac Amaru, a narrativa didática revela o contraste inicial da sua nobreza Inca com o desfecho fatal da história onde ele aparece como sujeito inferiorizado, dominado e violentado, ao ser exibido em uma cena onde é assassinado cruelmente pelos espanhóis. No entanto, as imagens 3, 5 e 6, exibidas junto ao texto, carecem de informações a seu respeito da autoria, data, local de produção, tipo de preservação e indagações críticas sobre natureza visual da representação. A imagem 4, gravura de Theodore de Bry, apesar de expor a autoria e a data de produção, não apresenta o local de guarda e o tipo de preservação. Desse modo, as imagens são inseridas junto ao texto cumprindo apenas um papel ilustrativo, ligando-se à informação verbal de maneira acessória. A falta destes dados mostra que as imagens não são tratadas como fontes históricas (MAUAD, 2015, p. 84-86), o que remete à falta de conexão entre o material didático apresenta e as discussões e demandas curriculares mais recentes sobre o uso das imagens como fontes históricas no ensino de História. No entanto, em sala de aula estas imagens podem se constituir em objeto de estudo e pesquisa por parte dos alunos, abrindo espaço para uma leitura mais contextualizada e historicizadora destas imagens na história de Túpac Amaru.

Ao final da narrativa apresenta-se dois vídeos curtos disponíveis no YouTube: o primeiro é uma breve animação da história de Tupac Amaru<sup>11</sup> e o segundo, com cenas de filme, intitulado “TUPAC AMARU II, o anuncio de una gran revolución”<sup>12</sup>. Em ambos os vídeos ressalta-se a imagem de Tupac Amaru como revolucionário, mártir e herói diante da opressão colonial, fixando-se em imagens todo o sofrimento e dor envolvido na cena de seu assassinato pelos espanhóis. A presença destes recursos audiovisuais conferem um caráter multimídia à narrativa digital. Desse modo, mobiliza saberes de referência provenientes também de práticas sociais de História Pública, bastante comuns no ensino de História e que contribuem no acesso a narrativas esteticamente mais envolventes e sensíveis ao retratar com emoção e tristeza o momento de suplício de Túpac Amaru.

Há também um espaço intitulado Vocabulário, onde explica os significados dos termos mita, encomendero e criollos abordados ao longo do texto:

Mita: forma de trabalho existente entre os incas e que foi usada pelos espanhóis resultando em trabalho forçado de indígenas nas minas, lavouras e obras públicas em troca de um pagamento ínfimo em moedas, tecidos ou bebida alcoólica.

Encomendero: colono espanhol autorizado pelo governo a utilizar indígenas nas minas ou fazendas e exigir-lhes tributos em gênero (milho, batata, ovos, peixe, sal, tecidos, porcos, aves etc). Em troca, o encomendero devia oferecer instrução religiosa, comida e proteção aos indígenas “encomendados”, o que nem sempre acontecia.

Criollos: colonos brancos nascidos na América; entre eles, muitos eram mestiços, isto é, tinham antepassados nativos. Eram proprietários de terras e minas, mas não participavam das decisões políticas que ficavam nas mãos dos espanhóis (DOMINGUES, 2015).

A construção de conceitos no ensino de História é um processo fundamental para o desenvolvimento do pensamento histórico e da compreensão crítica da realidade social abordada. Conforme argumenta Schmidt (1999), os conceitos não devem ser apresentados como definições prontas ou conteúdos a serem apenas memorizados, mas como ferramentas cognitivas que possibilitam aos estudantes organizar, interpretar e atribuir sentido aos acontecimentos históricos. Para isso, é essencial que sejam construídos gradualmente, com base em situações significativas que desafiem os alunos a refletirem sobre problemas concretos e mobilizarem diferentes saberes.

---

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=Hr3lerfxqlo&t=137s>.

<sup>12</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=lUzbU0CZXOM&t=72s>.

Além disso, apresenta-se no final uma única “Fonte” de referência proveniente da historiografia acadêmica, um capítulo de autoria de John Lynch (2001), intitulado “As origens da independência da América espanhola”, publicado no volume 3 da coletânea História da América Latina, organizada por Leslie Bethel. Esta coletânea faz parte da bibliografia obrigatória de diversos cursos de História no Brasil, principalmente em disciplinas relacionadas à História da América<sup>13</sup>. O uso de material historiográfico para a elaboração de uma narrativa didática é bastante comum, e promove uma didatização para a sala de aula daquilo que é discutido na academia, sobretudo a história indígena na América Latina que tanto é marginalizada nos livros didáticos de História no Brasil. O sentido de “maior revolta indígena da América” encontra, assim, embasamento nesse trabalho historiográfico.

A diversidade de fontes é uma das marcas distintivas do saber histórico escolar, conforme aponta Monteiro (2007, p. 107). Segundo a autora, além da adaptação do conhecimento acadêmico para fins didáticos e das decisões axiológicas e políticas sobre “o que” ensinar, o ensino de História na escola também se constrói em diálogo com narrativas, linguagens e produções históricas elaboradas por distintos sujeitos sociais, oriundos de variadas práticas, que são incorporadas ao ambiente escolar por meio dos meios de comunicação, dos estudantes, dos docentes e de suas famílias.

Ao utilizar como referência um material historiográfico que integra a atual bibliografia obrigatória dos cursos de História no Brasil, o site em questão pode oferecer uma perspectiva historiográfica mais recente, podendo conter uma abordagem mais alinhada à Nova História Indígena, especialmente após a promulgação da Lei nº 11.645/2008 que nos coloca a necessidade de rever as imagens dos povos indígenas na história tendo em vista o respeito à diversidade étnico-cultural e o reconhecimento do protagonismo indígena na História.

Mauro César Coelho e Helenice Aparecida Bastos Rocha, falam dos efeitos na formação identitária dos discentes ao retratar, em livros didáticos de História, os indígenas apenas como vítimas:

Pesquisas realizadas nas últimas décadas sobre as abordagens adotadas pelos livros didáticos acerca dos povos indígenas apontam alguns problemas recorrentes. Os indígenas são apresentados de forma estereotipada, de modo que as análises os identificam como vítimas do processo da colonização e destituídos de qualquer agência, entre outros predicados. Certamente, no

<sup>13</sup> Universidade de Brasília. Graduação em História. História da América 1. Disponível em: <<https://www.his.unb.br/images/Am%C3%A9rica1TurmaB.pdf>>.

âmbito da história vivida, os povos indígenas como um todo foram vítimas de tal processo e seus efeitos perversos a longo prazo se refletem até hoje. Entretanto, a apresentação reiterada desses personagens de nossa história na narrativa escolar apenas como vítimas – além de ignorar a literatura didática que problematiza a agência indígena – produz efeitos de sentido adversos na formação identitária para a diversidade dos alunos da escola brasileira (2018, p. 466).

Diante disso, observamos que a narrativa didática sobre o movimento liderado por Túpac Amaru, fala não só da exploração e da violência sofrida pelos povos indígenas dentro do sistema colonial, mas evidencia, especialmente, o protagonismo indígena, suas formas de liderança, organização e resistência para transformar aquela realidade de opressão. Desse modo, a resistência indígena é reconhecida e enfatizada, inclusive como a maior das revoltas indígenas e vinculada a um contexto mais amplo de outras resistências indígenas no século XVIII, mostrando as vitórias e conquistas no decorrer da insurreição contra os espanhóis, como a abolição, por onde passava o “exército de Túpac Amaru”, da “escravidão, a mita e a cobrança de impostos” e quando afirma que “em 18 de novembro de 1780, em Sangarará, as forças rebeldes entraram em combate contra o exército espanhol e o derrotaram” (DOMINGUES, 2015). A narrativa permite assim romper com a visão de passividade tradicionalmente atribuída aos povos indígenas diante dos colonizadores, o que está bem sintonizado com as demandas dos povos indígenas no tempo presente sobre o ensino de História, a partir da Lei 11.645/08 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história indígena e afro-brasileira nas escolas de educação básica no Brasil.

Além disso, uma abordagem que apresenta um movimento de resistência indígena no seio do Vice-reinado do Peru, colônia espanhola, pode suscitar reflexões críticas sobre as estruturas de dominação colonial, mas também contribuir com o ensino de temáticas de História da América da Latina e de História Indígena, normalmente secundarizadas em materiais didáticos brasileiros de abordagens eurocêntricas. Além de serem frequentemente abordados apenas em relação às navegações ibéricas – como se sua história tivesse início apenas com a colonização – os povos originários são recorrentemente enquadrados na Idade Moderna, em vez de na História Contemporânea ou na História Antiga, o que seria mais adequado considerando sua antiguidade e desenvolvimento autônomo em todo o continente americano. Essa abordagem reforça a ideia de que sua existência só ganha relevância no momento de chegada dos europeus na América (GOMES, 2021, p. 87).

No entanto, a falta de articulação do movimento de Túpac Amaru com eventos históricos posteriores pode levar os estudantes a acreditar que a resistência indígena, embora

muito importante para o Peru do século XVIII, não teve repercuções ou existência no tempo presente e nem promoveu mudanças significativas nas regiões onde ocorreram, podendo reforçar o estigma de que os indígenas são povos do passado, que teriam desaparecido durante o período colonial e que os que ainda existem, estão em vias de desaparecer. Chamada de tese do desaparecimento, esta interpretação sobre os povos originários foi a base de uma política indigenista extremamente violenta contra essas populações, como mostra John Monteiro:

São bem conhecidas as consequências deste suporte teórico para a política indigenista no país: posto na prática, redundava no deslocamento de populações, na imposição de sistemas de trabalho que desagregavam as comunidades, na assimilação forçada, na descaracterização étnica e, em episódios de triste memória, até na violência premeditada e no extermínio físico. Mesmo nas fases mais esclarecidas da "proteção" oficial, os órgãos indigenistas trabalhavam no sentido de amenizar o impacto do processo "civilizatório", considerado um fato inevitável que, dia mais, dia menos, levaria à completa integração dos índios à nação brasileira (1995, p. 223)

É nesse sentido que o autor indígena Casé Angatu (SANTOS, 2015) destaca a importância de retratar os indígenas além do período colonial, contribuindo no reconhecimento dos indígenas como sujeitos de luta e demandas ainda no tempo presente. Como bem escreve o autor, "Pensamos que, consciente e/ou inconscientemente, ao congelarmos a imagem dos Povos Indígenas nos séculos XVI e XVII, evitamos reflexões atuais relativas aos seus direitos originários a terra" (SANTOS, 2015, p. 187).

Assim, se fossemos realizar uma aula de História acerca do movimento de Túpac Amaru para estudantes da educação básica, com esta narrativa didática do site Ensinar História, faríamos uma leitura mediada e crítica das representações dos indígenas e dos colonizadores espanhóis ao longo do texto, das imagens e vídeos apresentados. Afinal, os professores não são meros técnicos ou aplicadores passivos de materiais didáticos produzidos por outros. Entendemos a docência como um ofício que envolve a construção e compartilhamento de saberes escolares, e não como ato de reprodução fiel de ideias ou narrativas produzidas por outros. Em sala de aula, esta narrativa didática digital pode ser explorada de diferentes maneiras, especialmente, a partir da problematização e historicização de suas representações. Não se trata de reproduzir ou afirmar o que ele diz sobre o passado, mas sim de colocar em debate a sua perspectiva histórica para que os estudantes também possam se posicionar diante daqueles acontecimentos.

De acordo com a BNCC, o ensino e a aprendizagem da História nos anos finais do Ensino Fundamental estão fundamentados em três eixos principais:

1. Pela identificação dos eventos considerados importantes na história do Ocidente (África, Europa e América, especialmente o Brasil), ordenando-os de forma cronológica e localizando-os no espaço geográfico.
2. Pelo desenvolvimento das condições necessárias para que os alunos selecionem, compreendam e reflitam sobre os significados da produção, circulação e utilização de documentos (materiais ou imateriais), elaborando críticas sobre formas já consolidadas de registro e de memória, por meio de uma ou várias linguagens.
3. Pelo reconhecimento e pela interpretação de diferentes versões de um mesmo fenômeno, reconhecendo as hipóteses e avaliando os argumentos apresentados com vistas ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a elaboração de proposições próprias (Brasil, 2018, p. 416).

Nessa perspectiva, a leitura de textos históricos em sala de aula passa a privilegiar também a compreensão da historicidade envolvida em sua elaboração, atentando para o caráter seletivo, parcial e transitório do próprio conhecimento histórico, enfatizando a importância de compreender as condições em que essas narrativas foram produzidas.

A própria BNCC também estimula os professores de História a promoverem em sala de aula uma abordagem crítica das fontes históricas. Nesse caso, poderíamos também focar nas imagens que acompanham o texto didático propondo exercícios de leitura imagética e de pesquisa sobre suas condições de produção. Estimulando os estudantes a fazerem uma leitura crítica dos fatos e documentos históricos, apropriando-se de cinco operações básicas de investigação histórica: identificação, comparação, contextualização, interpretação e análise (BRASIL, 2018, p. 419).

Além disso, a leitura mediada do texto didático em sala de aula (AISENBERG, 2005) pode ser alternada com maiores explicações e aprofundamentos sobre a insurreição liderada por Túpac Amaru, mostrando a influência dessa resistência sobre outras que surgiram posteriormente no Peru e que tomam a figura de Túpac Amaru como herói nacional (LASSÚS, 2014, p. 56-57). Para isso podemos abordar a importância da memória histórica dessa rebelião nas festividades contemporâneas e que acontecem em várias cidades do Peru em homenagem à rebelião e aos diversos movimentos sociais que utilizam de seu nome e imagem ainda hoje. Para enriquecer o ensino do tema, em sintonia com as demandas indígenas decorrentes da Lei 11.645/08, seria pertinente incorporar também perspectivas e fontes de autoria indígena e abordar outros movimentos contemporâneos inspirados em Túpac Amaru II, como o MRTA e a Organización Barrial Túpac Amaru (um movimento social que ajuda na prestação de serviços essenciais na Argentina, principalmente na província de Jujuy, agindo positivamente na vida de seus beneficiários), para assim

demonstram a influência de sua figura em movimentos de luta por justiça social no tempo presente (TORRES, 2017, p. 95-96).

Como bem argumenta Edson Kaiapó e Tamires Brito, para que o ensino de história indígena contribua na desconstrução de preconceitos e generalizações sobre os indígenas na escola, é necessário conferir “audibilidade e visibilidade aos povos indígenas, demonstrando que suas histórias e culturas são contemporâneas, vivas e se relacionam com o presente e passado” (2014, p. 54). A abordagem de fontes históricas diversas (literatura, filmes e produções digitais de autoria indígena) favorece a ruptura com a perspectiva eurocêntrica que ainda prevalece nos currículos e livros didáticos de História (Kaiapó & Brito, 2014, p. 58).

## CONCLUSÕES

A rebelião liderada por Túpac Amaru II emerge, na narrativa didática aqui analisada, como um marco da resistência indígena no século XVIII, articulando as demandas por justiça social e autonomia dos povos originários frente à opressão colonial. O texto destaca a figura de Túpac Amaru como protagonista da História, ressaltando sua estratégia inicialmente pacífica e, posteriormente, insurgente, diante da intransigência das elites coloniais. Apesar dos avanços alcançados durante a revolta, como a abolição da escravidão, da mita e de impostos em alguns territórios libertados pelo exército de Túpac Amaru, o movimento foi esmagado por uma violenta repressão, marcada pela execução brutal de seu líder e o extermínio sistemático de seus seguidores.

A história deste movimento liderado por um indígena na América Latina é de suma importância também para os estudantes brasileiros, pois une duas temáticas com um passado negligenciado nos currículos escolares brasileiros: a História Indígena e a História da América Latina. Inicialmente, a história americana era um complemento da narrativa universal nos materiais didáticos do país, reforçando identidades nacionais baseadas em ideais brancos, europeus e cristãos. Posteriormente, com o capitalismo industrial, a América foi dividida em dois blocos opostos: o desenvolvido, e a "América Latina", tratada como atrasada e subdesenvolvida (BITTENCOURT, 2013, p. 14). Análises mais recentes dos currículos e livros didáticos confirmam a escassa presença da História da América Latina no ensino de História. Quando mencionada, a região é comumente abordada a partir de uma perspectiva eurocêntrica, que a mantém em posição subalterna da América em relação ao Hemisfério Norte. Além disso, as populações indígenas tendem a ser tratadas em capítulos

vinculados apenas às navegações ou explorações ibéricas, como se sua existência só ganhasse relevância a partir do contato com os europeus (GOMES, 2021, p. 87).

A abordagem didática do texto, ao vincular a rebelião a um contexto mais amplo de resistências indígenas e evidenciar suas conquistas, organização e capacidade de mudar o espaço em que se insere, contribui para romper com narrativas tradicionais que reduzem os povos indígenas a vítimas silenciosas e passivas da colonização. No entanto, a ausência de conexões com desdobramentos históricos posteriores e com as lutas indígenas contemporâneas pode reforçar uma visão equivocada de que esses povos pertencem exclusivamente ao passado, ignorando sua presença e resistência contínuas. Nesse sentido, ressaltamos a importância da leitura mediada dessa narrativa didática em sala de aula, tendo em vista a problematização das representações indígenas fixadas nos textos, imagens e vídeos, bem como o reconhecimento e discussão da pluralidade de interpretações sobre o passado e de usos da memória histórica da rebelião de Túpac Amaru no tempo presente.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AISENBERG, Beatriz. La lectura en la enseñanza de la historia: las consignas del docente y el trabajo intelectual de los alumnos. *Revista Lectura y Vida: Revista Latinoamericana de Lectura*. Ano 26, n.º 3, Buenos Aires, p. 22-31, 2005..

BITTENCOURT, Circe. Ensino de história da América: reflexões sobre problemas de identidades. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, (4), 2013, p. 5-15.

BRASIL, Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular (BNCC) – Educação é a Base*. Brasília: MEC, 2018.

CAIXETA, Paulo Vitor Caetano; NASCIMENTO, Patrícia Emanuelle. Perspectivas para o estudo das rebeliões indígenas na América Latina: Tupac Amaru II – entre novas categorias de análise e um relato de experiência. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 243–262, 2024.

CAVALCANTI, Erinaldo. História, narrativa e ensino: diálogos, limites e possibilidades de uma reflexão teórica. *Revista de História e Historiografia da educação*, 4(10), 2020, p. 207-238.

COELHO, Mauro Cezar; ROCHA, Helenice Aparecida Bastos. Paradoxos do protagonismo indígena na escrita escolar da História do Brasil. *Tempo & Argumento*, v. 10, p. 464-488, 2018.

DOMINGUES, Joelza Ester. Túpac Amaru, líder da maior revolta indígena da América. *Ensinar História*, 3 abr. 2015. Disponível em:

<https://ensinarhistoria.com.br/tupac-amaru-lider-da-maior-revolta-indigena-da-america/>.  
Acesso em: 17 jul. 2025.

ESPINOZA, Luis Carlos Valdez. *Representaciones populares contemporáneas de Túpac Amaru II en el distrito de Comas*, Lima, 2021. 2023. xx f. Dissertação (Mestrado em Antropología Visual) – Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2023.

GOMES, Anna Luiza Portugal Pereira. *História do ensino de História da América*: o olhar decolonial sobre a presença da América Latina em livros didáticos para o Ensino Médio. 2021. 87 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso?. *Mneme - Revista de Humanidades*, [S. l.], v. 15, n. 35, p. 38–68, 2015.

LASSÚS, José Luis Rosales. *Heroica nación: las imágenes de Túpac Amaru II y Miguel Grau en materiales escolares*. 2014. xx f. Dissertação (Mestrado em Antropología Visual) – Pontificia Universidad Católica del Perú, Lima, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria. *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MONTEIRO, John Manuel. O Desafio da História Indígena no Brasil. In: GRUPIONI, Luís Donizete Benzi; SILVA, Aracy Lopes da. (org.). *A temática indígena na escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º graus* / Brasília, MEC/MARI/UNESCO, 1995.

MAUAD, Ana Maria. Usos e funções da fotografia pública no conhecimento histórico escolar. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 19, n. 47, p. 81-108, 2015..

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Planos de aula online: possibilidades de pesquisa e ensino de história. In: MOLINA, Ana Heloisa; FERREIRA, Carlos Augusto Lima. (Org.). *Entre textos e contextos: caminhos do ensino de história*. 1ed.Curitiba: CRV, 2016, v. 1, p. 427-448.

PRADO, Luiz Fernando Silva. A independência hispano-americana nos manuais escolares brasileiros. *Historia Caribe*, Barranquilla (Col.), v. 17, p. 111-130, 2010.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos (Casé Angatu). “Histórias e culturas indígenas” - alguns desafios no ensino e na aplicação da Lei 11.645/2008: de qual história e cultura indígena estamos mesmo falando? *História e Perspectivas*, Uberlândia, (53), p. 179-209, jan./jun. 2015.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. Construindo conceitos no ensino de História: “a captura lógica” da realidade social. *História & Ensino*, Londrina, v. 5, p. 147–164, jul. 1999. .

TORRES, Fernanda. Estado y movimientos sociales: disputas territoriales e identitarias. *La Organización Barrial Tupac Amaru – Jujuy-Argentina*. Revista NERA, Presidente Prudente, ano 20, n. 39, p. 86-106, 2017.

## **DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE**

Eu, **Daniel Furtado Marques Pinho**, declaro para todos os efeitos que o trabalho de conclusão de curso intitulado **A resistência indígena de Túpac Amaru II: análise de uma narrativa didática digital publicada no site Ensinar História** foi integralmente por mim redigido, e que assinalei devidamente todas as referências a textos, ideias e interpretações de outros autores. Declaro ainda que o trabalho nunca foi apresentado a outro departamento e/ou universidade para fins de obtenção de grau acadêmico.

Brasília, 18 de julho de 2025.



**Assinatura**